


Mitologias africanas em sala de aula: “dessubalternizando” imaginário e desconstruindo práticas hegemônicas¹

Elisabete Nascimento

Doutora em Ciência da Literatura - UERJ

“Afinal, o que pode explicar o fato de que, em cinco séculos de História, a sociedade brasileira construa, continuamente, mecanismos sociais e cognitivos de percepção e reconhecimento baseados na subalternidade dos negros e das mulheres.”²

 Os lugares de subalternidade e os lugares de hegemonia já estavam amplamente disseminados ao longo da História, antes mesmo do Mercantilismo escravista transplantar negros e negras para as Américas como escravos. Estes lugares, provavelmente, foram delimitados em função das disputas territoriais entre grupos distintos e da tensão e disputas de poder. A partir do mito de Cam, por exemplo, tem-se um evento inaugural, uma formulação canônica, sobre o que seria a origem da maldição do povo negro, a subalternidade. Afirma Alfredo Bosi, em *Dialética da Colonização* (BOSI, A. 1992: P. 256) que:

“o destino do povo africano, cumprido através de milênios, depende de um evento único, remoto, mas irreversível: a maldição de Cam, de seu filho Canaã e de todos os seus descendentes”. O povo africano será negro e será escravo: eis tudo.

¹ Trabalho de conclusão do **I Curso Mitologias Africanas e Afro-Brasileiras na Sala de Aula**, realizado nos dias 16 e 26 de março de 2011, no RJ, - organizado pela Revista África e Africanidades, ministrado pela prof^a Especialista Nágila Oliveira dos Santos.

² BONFIM, Vânia Maria da Silva. A identidade contraditória da mulher negra brasileira: bases históricas. IN. NASCIMENTO, Elisa Larkin (ORG.) *Afrocentricidade*. Uma abordagem epistemológica. São Paulo: Selo Negro, 2009.

O poema incorpora a versão mítica da origem do cativo que é relatada no Livro Gênesis. Transcrevo, em seguida, o passo bíblico fundamental onde a lenda encontrou sua formulação canônica:

Os filhos de Noé, que saíram da arca, foram Sem, Cam e Jafé; Cam é o pai de Canaã. Esses três filhos de Noé e a partir deles se fez o povoamento de toda terra.

Noé, o cultivador, começou a plantar vinha. Bebendo vinho, embriagou-se e ficou nu dentro de sua tenda. Cam, pai de Canaã, viu a nudez de seu pai e advertiu, fora, a seus dois irmãos. Mas Sem e Jafé tomaram o manto, puseram-no sobre os seus próprios ombros e, andando de costado, cobriram a nudez de seu pai; seus rostos estavam voltados para trás e eles não viram a nudez de seu pai. Quando Noé acordou de sua embriaguez, soube o que lhe fizera seu filho mais jovem. E disse:

- Maldito seja Canaã!

Que ele seja para seus irmãos, o último dos escravos.

E disse também:

- Bendito seja lahweh, o Deus de Sem,

E que Canaã seja seu escravo!

Que deus dilate a Jafé,

Que ele habite nas tendas de Sem,

E que Canaã seja teu escravo! (Gênesis,9, 18-27)

Pelo exposto acima, a formulação canônica sobre o mito de Cam, patrimônio judaico-cristão, reforça hierarquizações, principalmente no que diz respeito aos mitos de matrizes africanas. A diabolização encontra fértil terreno para inferiorização e/ou a “exotização” daquilo que provém do continente africano. A hegemonia e a subalternização também se dão nas práticas religiosas. Nesse sentido, cabe à Escola fazer esboroar cânones e estereótipos. Daí, a importância de se trabalhar a(s) mitologia(s) africana(s) em sala de aula, uma vez que os mitos e narrativas da cosmogonia yorubá, em especial, são índice de coesamento de negros, negras e afrodescendentes.

Como se observa, os referidos lugares subalternizados e hegemônicos chegam ao território colonizado muito bem estruturados. E dessa forma, sobre os corpos negros e negras incidem valores historicamente construídos pelas cristalizações edificantes. Pesam sobre estes corpos a estereotipia, a indigência, a xenofobia, a inferiorização assentadas na fenotipia. Tais fenômenos, já referidos, são estruturantes das disputas por territórios e as

diferenças físicas, culturais e/ou religiosas, que servem como marcadores identitários são tidos como pecha e ameaça aos grupos hegemônicos.

Ainda sobre estes mesmos fenômenos, certo é que as relações assimétricas e eugênicas não apagaram os protagonismos dos grupos subalternizados. E se os protagonismos foram “invisibilizados” pelos grupos hegemônicos, e, sendo esse enunciado uma premissa, cabe ressaltar a importância das africanidades em sala de aula como estratégia de dessubalternização dos negros e negras que constituem o imaginário brasileiro, bem como a(s) brasilidade(s), da qual foram alijados.

As baixas taxas de escolaridade entre a população negra, a “invisibilização” do referido grupo nas mídias televisivas, o alto índice de presidiários negros, os assassinatos de jovens negros se vistos fora de uma contextualização e das condições históricas que os fomentaram geram a falácia de que os grupos subalternizados são os responsáveis pela própria condição de subalternização a eles imposta e pela “inferioridade” em relação aos brancos.

“As hierarquizações raciais presentes no espaço escolar, mormente em relação ao tratamento proveniente dos professores e pessoal de apoio, perpassam diversos aspectos, não obstante, todos apontando para a superioridade da criança branca em relação à criança negra em termos estatísticos, expectativas de sucesso escolar, julgamento de comportamentos e mesmo da própria humanidade de pessoas de distintas aparências raciais.” (PAIXÃO, M. 2008: p.53)

Provisoriamente cabe inferir que os protagonismos dos negros e negras devem ser recuperados, tal como a memória das candaces, guerreiras negras, os diferentes mitos africanos, as narrativas e feitos históricos (Revolta da Chibata, Revolta dos Malês, as lutas quilombolas...). De igual importância, há que se promover o “desenbranquecimento” do padrão estético imposto, assim como a mobilidade social para os grupos subalternizados, desconstruindo a dicotomia: lugar subalternizado x lugar de hegemonias, e ainda fazer esboroar a demonização e a “exotização” relegadas às mitologias africanas.

Nesse sentido, a Lei 10639-2003 deve ser “implementada” a partir de um recorte metodológico que garanta o “empoderamento” crítico de grupos subalternizados bem como o de professores. Às Instituições de Ensino superior, cabe promover a formação inicial e continuada de professores; e a este cabe sensibilizar-se para a urgência em pôr em prática estratégias “dessubalternizadoras”. Crê-se, nesta medida, que as mitologias africanas e afrobrasileiras em sala de aula sirvam para reconstruir e dar visibilidade aos marcadores identitários das muitas Áfricas que interpenetram e constituem o imaginário brasileiro.

Bibliografia:

BOSI, Alfredo. *Dialética da Colonização*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

NASCIMENTO, Elisa Larkin (ORG.) *Afrocentricidade*. Uma abordagem epistemológica. São Paulo: Selo Negro, 2009.

PAIXÃO, Marcelo. *A Dialética do Bom Aluno*. Relações raciais e o sistema educacional brasileiro. Rio de Janeiro: FGV, 2008.